

# A DEMOCRACIA

ORGÃO REPUBLICANO



REDACÇÃO

32 Rua Gonçalves Dias 32

RIO DE JANEIRO, 12 DE JUNHO DE 1887

ADMINISTRAÇÃO

32 Rua Gonçalves Dias 32

ANNO II

Publica-se tres vezes por mez

N. 29

## EXPEDIENTE

Anno. . . . . 65000

São nossos correspondentes :  
Em Barbacena, o Sr. Tent. Lino Marques da S. Pereira.  
Em S. João d'El-Rei, o Sr. Tent. Francisco de Paula Pinheiro.  
Em Juiz de Fóra, o Sr. Dr. José Caetano de Moraes e Castro.  
No Recife, o Sr. Dr. José da Rocha Lima.  
Em Cataguazes, o Sr. Estevão José de Oliveira.  
Em Campo Limpo, José de Oliveira e Silva.

Apresentamos ao publico do interior o Sr. Eugenio Augusto Pinto, actualmente em giro pela província de Minas, no carácter de nosso companheiro de redacção e representante d'esta folha.

Lisongeando-nos qu'he será dispensado favoravel acolhimento, confessamo-nos sumamente agradecidos pelos favores e finezas com que o distinguirem.

Pedimos com instancia a remessa da importancia das assignaturas, por ser esse o unico recurso com que contamos para o sustento d'esta empreza.

Rio, 12 de Junho de 1887.

## CHRONICA POLITICA

Com desusada festança, expansão e gaudio, os círculos e figurantes políticos e oficiais, os cortesãos e dependentes da corte, e todos os que vêm sorrir-lhes uma nova ordem de cousas cheia de esperanças, inclusive o grande orgão do commercio, tambem parte integrante e inamovível do governo do paiz, receberam e solemnizaron o volvimento à patria da sra. princeza imperial, unico acontecimento de nota da ultima dezena.

Depois da conferencia a sós entre sua alteza e o sr. presidente do conselho a bordo do *Gironde* e os mais passos solemnes do trajecto da princeza, de bordo ao palacete Itamaraty, realizou-se ahí nova conferencia entre divinos e mortaes, mais actores e mais comparsas. Constitui o publico apenas um repoter atraç d'un reposteiro.

## ACTO UNICO

### SCENA I

(Salão central Itamaraty)

Sentado ao centro — o IMPERADOR.  
A direita de S. M. — PRINCEZA IMPERIAL.  
Ao lado d'esta — o CONDE D'EU.  
A esquerda de S. M. — o PRÍNCIPE D. PEDRO.  
Atraz de S. M. — o CIDADÃO MUCIO.  
Formando círculo de pé em frente de S. M.  
os srs.:

PRESIDENTE DO CONSELHO.

MINISTRO DO IMPÉRIO.

V. DE PARANAGUÁ.

B. DE IBITURUNA.

CONS. ALBINO ALVARENGA.

B. DE IBITURUNA.

DR. RAMIZ GALVÃO.

### PRESIDENTE DO CONSELHO

Senhor: Já experimentou V. M. o grande jubilo de abraçar sua dilectissima filha. Como vê V. M. ella chegou saudosa e forte. Pode pois V. M. tranquilamente repousar das fadigas do governo, e emprehender a projectada viagem a Europa para restabelecimento de sua preciosissima saúde. Sua Alteza está prompta a assumir a regencia, uma vez que é para acudir a saude e a vida de V. M.

### O IMPERADOR (COM VOZ DE TENOR)

Os senhores parecem mais assustados do que eu. Para que incomodar a menina com as mussadas do governo? Eu já me sinto bom, perfeitamente bom.

### PRESIDENTE DO CONSELHO

Imperial senhor! Peço venia para observar que me parece que V. M. se illude. Os medicos já manifestaram a sua opinião unanime que, sem uma viagem a Europa, V. M. não ficará completamente restabelecido; continuará acessível aos insultos da molestia. É melhor prevenir, senhor. (Piscando os olhos ao conselheiro Alvarenga). Não é este o parecer de V. Ex. e de seus collegas, sr. conselheiro?

### CONSELHEIRO ALVARENGA (MESUREIRO)

E' verdade, senhor. O meu parecer e o dos meus collegas, baseados na observação e estudo da molestia de V. M., é que se torna indispensável que V. M. viaje algum tempo pelo meio-dia da Europa; é uma medida de prudencia. V. M. está muito melhor vai em convalescência franca, auspiciosa; esta, porém, será mais prompta e a mais segura incontestavelmente com a viagem aconselhada.

### O IMPERADOR

Mas, se estou bom, não sinto nada, é de todo útil sahir agora do paiz. Para que? Não vou.

### V. DE PARANAGUÁ

Senhor! A opinião dos medicos que têm assistido a V. M. deve ser muito respeitável para o governo e para nós outros. Entendo, pois, que V. M. não deve oppôr-se a tão sabio parecer. Demais, V. M. bem sabe a responsabilidade que resulta para o governo de não serem seguidos os conselhos da sciencia acerca da preciosa saude de um soberano tão querido do povo brasileiro. Não insista, pois, V. M. n'essa recusa. O interesse é nacional.

### B. DE IBITURUNA (ENDIREITANDO OS OCULOS. O PRESIDENTE DO CONSELHO AFILA C. NARIZ, QUE CADA VEZ MAIS SE ALARGA.)

Permita V. M. que eu reforce a opinião não só dos srs. B. de Cotegipe e V. de Paranaguá, senão a dos distintos medicos assistentes de V. M. Não estamos assustados com a saude de V. M.; muito pelo contrario, estamos satisfeitos; não nos parece porém que a obra fique completa tão depressa e tanto como desejamos sem que V. M. realize a viagem a que estava resolvido. Além de proveitosa é recreativa.

### O IMPERADOR (PUCHANDO AS BARBAS)

Quando resolvi ir, estava realmente mal e julguei não poder melhorar tão depressa; mas agora, graças a Deus e aos srs. medicos que com tanta dedicação me tem tratado, estou fino. Não sinto nenhum desejo de ir agora a Europa. Posso muito bem assistir e ocupar-me dos negócios publicos, e tu, minha filha, vae descançar. Escusa de te affligires com questões de politica e outras do governo.

### PRINCEZA IMPERIAL (APAGANDO O PAI)

Mas, papae, eu prefiro isso, a velo exposto a ser de novo acometido de tão grande enfermidade. Sou feliz de encontrar papai quasi bom; mas quero estar segura de que seu restabelecimento não poderá mais ser perturbado. Acho que papai deve ir. Irei ainda perdel-o de vista por alguns meses; mas as saudades com esperança é muito melhor.

### O IMPERADOR (OS CONSELHEIROS COCHICHAM)

Não, não. Não é preciso separar-me outra vez de ti (O Sr. de Cotegipe faz com os labios um gesto de impaciencia).

### CONDE D'EU

Parbleu! Mon bello pae non voudra provocar um nouvel attaque de Perr... de figadó. Moi me encarrége dos negoces avec petit porcentage. Allez-vous-en.

### IMPERADOR (INCOMODADO)

Já sei, já sei; mas não vou; não é preciso; querem por força fazer-me mais doente do que estou. Srs, eu estou bom; posso trabalhar; não se incomodem. —(Voltando-se para os barões de Cotegipe e Mamoré) Srs. ministros, ha despachos? Não me tragam Coelho Bastos!

### PRES. DO CONS. E MINISTRO DO IMPÉRIO (DESAPONTADOS)

Nada. Senhor. (Os conselheiros olham-se, murchos como uma sensitiva tocada).

### PRÍNCIPE D. PEDRO (COMIGO)

Bem bom que vovô não vá. O tal sr. meu tio é um vinagre capaz de por-nos todos a decimo de ração.

### PRESIDENTE DO CONSELHO (EMBUCHADO)

Decididamente, Sr. V. M. se oppõe aos conselhos dos seus medicos? É preciso, Sr, ao menos salvar a responsabilidade do governo.

### IMPERADOR

Não me opombo a nada; venham os despachos que assigno, menos Coelho Bastos. Que é do sr. Paranaguá? Sr. de Ibituruna (dirigindo-se ao dr. Ramiz Galvão) V. Ex. já deu cabo dos vinhos falsificados? É preciso acabar com elles. Mas, olhem, eu não vou; fico.

### PRINCEZA IMPERIAL (TRISTE, DANDO DE CABEÇA PARA O CIDADÃO MUCIO)

CIDADÃO MUCIO  
(RECITANDO, BAIXO, O LEÃO ENFERMO)

A semelhança dos heroes antigos,  
De que resam as lendas glorioas,

### O IMPERADOR (VOLTANDO-SE À VOZ DO RECITADOR)

Ah!... os heroes antigos! O pio Enéas, por exemplo; os vencedores de Perebebuhy e Aquidaban! Sr. Cotegipe já decidiu a questão militar? (os conselheiros em confusão, agrupam-se, separam-se, conversam a meia voz. Ouve-se um miúrmurio de fallas. Entra apressado um confidente do imperador. Assombro geral!)

### SCENA II

#### OS MESMOS E O CONFIDENTE

#### PRESIDENTE DO CONSELHO (AO VEL-O ENTRAR, PARA O SR. NOG. DA GAMA)

Que diabo!... Que quer aqui este onze letas?

#### NOGUEIRA DA GAMA

Homem... não sei!

#### CONFIDENTE (ESBAFORIDO PARA S.M.)

Senhor! (O imperador levanta-se de um salto)

#### IMPERADOR (COM ADMIRACAO, OLHANDO O CONFIDENTE)

Oh!... por aqui sr. Ferreira Vianna? Ora graça! Ao menos podermos fazer uma boa conferencia dos divinos. Que diz V. Ex.? Muito lhe agradeço. Gostei muito do seu projecto. Perfeito!

#### CONFIDENTE

Senhor! aquella madama que costuma...

(O Mucio no seu entusiasmo ao recitar e gesticular dá com o braço na cabeça da princeza imperial; esta ergue-se assustada; assusta-se também o imperador. Mucio corre a tranquilizar os e atira em baixo uma pequena meza secretaria fazendo um estrondo dos diabos, alastrando o solo de papeis, vasos e tinta. A princeza desmaia; o imperador tem um acesso não satisfactorio; e enquanto uns se apressam em soccorrer os, outros correm pela porta fóra. O Sr. Mamoré sai de braço com o sr. Ibituruna, e o Sr. Cotegipe com o Sr. Paranaguá, dizendo entre dentes: Allah é grande e Mahomet é seu profeta).

#### CONDE D'EU

Isto é une bataille de Campe Grande! Que diable!

#### MUCIO

(CONTENPLANDO A PRINCEZA DESMAIADA)  
«Oh tu, que tens de humano o gesto, e o peito.  
Não me negues a graça, a mim sujeito  
Que versos te dedico com respeito  
Como ao imperador — sabio profundo  
Excelso rei, teu pai — Pedro Segundo.

### SEPARAÇÃO E FEDERALISMO

(De um livro inedito)

11

A concentração de todos os poderes nas mãos de um só homem, fortalecido pela graça de Deus, e ao mesmo tempo pela unanime aclamação dos povos, conforme resa a carta, encerra o mais funesto absurdo que a política tem inventado.

Baccho adorando a Christo, nos Lusiadas, talvez fosse uma concessão do poeta à inquisição, talvez symbolisasse o respeito com que a India recebia a iniciação católica. É possível que a colaboração dos velhos deuses decaídos com as novas entidades celestes traduza o presentimento que a mythologia apenas muda de forma...

A graça de Deus, asseveração do direito divino dos reis, só pela mais requintada hypocrisia veio associar-se à aclamação dos povos, que vale tanto como sufrágio universal.

Denotado pela revolução, o absolutismo fingiu ceder, e resuscitou transfigurado em poder moderno.

A si mesmo se intitulou cupula do edifício e chave do sistema.

O imperador, inviolável, sagrado e irresponsável, é o chefe do poder executivo, tem parte no legislativo, influí directamente no judiciário, e por delegação divina e nacional exerce privativamente o poder moderador!

Sayão Lobato disse que onde ha delegação do poder, o povo não é soberano. Mal se comprehende como verdade tão intuitiva pode provocar protestos dos chamados liberaes.

Nº buco de Araújo formulou o famoso sortes comprobatorio do absolutismo.

Com verdade e precisão declarou o visconde de Itaborahy: O rei reina, governa e administra.

Não commetteremos a injustiça de atribuir excesso de autoridade ao imperador. Ele está dentro da lei.

A aria do poder pessoal, tâz grata aos desterrados de São Paulo, faz lembrar a obstinação dos velhos católicos que pretendem restaurar as práticas primitivas, e imputam a igreja a decadência da religião. Como para elles o culpado é o papa, para os nossos liberaes o culpado é o imperador.

Zearias de Góis e Vasconcellos desentranharam-se em subtilezas para provar que os ministros são responsáveis pelos actos do poder moderador, quando devia reconhecer, em honra da verdade jurídica e do carácter nacional, que o defeito é do sistema e não dos homens.

Vendo que dependem do governo imperial as nomeações de sacrifícios, fiscal dos bonds, ou das praias, ou dos tempos, o povo entende que nada pode fazer sem a imperial venia e protecção.

Organisa-se uma sociedade de danç, e o primeiro cuidado é pedir licença para alçar as armas imperiais.

Lembram-se alguns devotos de constituir procurador no céu, formam irmandade, acclamam o bemaventurado padroeiro, mas não esquecem o imperial protector perpetuo.

Não ha deatista, tumanquero, padreiro, empresario de mudangas ou lavagem de casas, que durma tranquillo enquanto não se pode intitular da casa imperial.

Mercadores, almirantes, e ministros do supremo tribunal de justiça disputam a hora do serviço doméstico de suas magestades.

Um estadista já declarou no parlamento que os galos da casa imperial lhe davam mais hora que a farda de senador.

O enfeixamento de todos os poderes nas mãos de um só homem tem abastardado o carácter dos homens e estragado as próprias instituições.

Parlamento, magistratura, ministerio, não passam de sombras.

A propria igreja católica tolera a invasão do poder omnívoro, que intervém na nomeação de conegos, bispos, cantores, e sacrifícios.

Como sob tal regimen pode desenvolver-se a iniciativa individual?

Até os diplomas científicos são conferidos «em nome e sob os auspícios do muito alto e poderoso imperador constitucional e defensor perpetuo do Brasil».

## A SITUAÇÃO

Estamos em plena transformação.

Da chrysalida do segundo imperio, vem apontando a larva que se vai desdobrar em terceiro.

Quantas reflexões suggerem esse perpassar de pequenos incidentes que se avolumam com uma sequencia irresistivel até produzir a maior das evoluções de cujo desenlace e aspecto definitivo já nem se divulgam as causas que concorreram desde o seu começo!

Os phenomenos sociologicos, quando destinados a maltratar e corromper, equiparam-se aos germens lethiferos que se implantam no organismo; raro effectuam a sua invasão por meio de abalos profundos e assustadores; parece até que provocam a anestesia das fibras sensitivas, quando não excitam impressões de bramido torpore e adormecimento desculpado.

O bem estar social compara-se ao equilíbrio das forças e a saúde do corpo humano. Esta é o resultado de um esforço contra os agentes daninos, e a sua conservação é devida sobre tudo à virtude e à energia do espírito.

Nós merecemos as torturas das molestias que nos alligam, porque declinamos do civismo e do desinteresse que são as qualidades essenciais à existência de uma sociedade.

O civismo e o desinteresse nos acenam que é urgente cooptar um dique à onda devastadora das conveniências dynasticas e das intrigas oligarchicas;

O civismo e o desinteresse chamam-nos a postos para esmagar em suas formas embrionárias o novo minotauro que se prepara a dizerim-nos;

O civismo e o desinteresse bradam alerta em nossas consciencias e forcejam fazer aí reviver o brio da alma americana.

Tudo em vão.

O que será preciso mais para arrancar-nos da inactividade e modorra em que nos mergulhamos?

Estado economico, publico e particular, angustioso, descorçoante;

Partidos que se apoderaram da administração não por uma razão social, mas por designação régia;

Esterilidade absoluta e absorção incessante da seiva d'este immenso imperio em beneficio de corrilhos vorazes;

Impossibilidade reconhecida e patente de com os actuais factores atingirmos o alto destino que nos é assignado, compendiado nas grandes reformas dos agentes da iavoura, na do poder ecclesiastico, da circulação do padrão da moeda, do sistema tributario, da reintegração de faculdades, regalias e direitos provincias etc., etc.

Assoberbada a nação brasileira com tão lastimosa situação, creada por efeito e arte dos carateres corruptos e traidores, verifica-se o facto providencial que lhe depara com resgate natural, suave e incruento.

Invalidez do rei; pericleta a sua razão; conservá-lo é um disparate material e physico; em tal conjuntura passa ao rol dos mortaes ignorados.

Redimidos do captiveiro, contro o qual tanto vociferávamos, porque preoccupar-nos em buscar sujeitar-nos a outro ainda mais affrontoso e aviltante?

Será tamanha a nossa abjecção que não possamos viver sem amo, sem um senhor que disponha de nossas pessoas e de nossos haveres?

De que nos servem as bellas qualidades do nosso carácter, a generosidade, bonhomia exemplar rectidão com que procedemos, a mansidão de costumes, a aptidão e alacridade para o trabalho, a fertilidade do nosso solo, as galas da natureza, a riqueza incomparável de nossa patria; se por outro lado renunciamos a toda iniciativa, desistimos da responsabilidade de nossos actos e appellamos para o criterio de quem não tardará a constituir-se algoz de nossa dignidade e de nossas mais caras esperanças?

Brasileiros! Não permitais que se vos lancem os ferrolhos que vos junjam ao carro triumphal de terceiro dominador; evocae o brio por tão largo tempo sopitado e erguei-vos em toda a altura e magestade de povo americano, possante e energico; deixae que em vossos corações acordem e pulsem os sentimentos que herdastes dos protótipos de nossa nacionalidade, que como Tiradentes, tudo sacrificaram em áras da patria.

Ao grito de Republica ou Morte, descerrase-hão os nevoeiros que ensombram o céu de nossa existencia.

## REFORMA MUNICIPAL

II

Em uma população de 12 milhões de habitantes, têm voto 150,000. São considerados incapazes 11.850,000. Proporção: um para oitenta. Na França, um candidato reunindo duzentos mil votos pode ser derrotado; aqui a soma dos votos obtidos por todos os deputados da nação não atinge um terço d'aquela cifra. Lá, 200,000 podem não bastar, aqui 200 podem ser de sobra.

Se os privilegiados são poucos, nem por isso tem grande valor o privilegio.

Ser chamado a votar de dous em dous, ou de quatro em quatro annos, não é influir directamente nos interesses publicos.

Na Suissa, muitos negócios são resolvidos por assembléas populares reunidas ao ar livre.

Em outros países multiplicam-se as comissões escolares, de beneficencia, de melhoria das prisões e outras semelhantes, no intuito de chamar à actividade o maior numero de cidadãos, preparando-os para as funções publicas, e despertando o seu zelo pelo interesse geral.

Enquanto nós conservamos camaras municipais sem atribuições, sem rendas, sem acção, compostas de pequeno numero de vereadores, na Europa reconhece-se a necessidade de augmentar o prestigio da communia.

Na Italia o numero de conselheiros municipais pode elevar-se até 80, e na mais pobre comunia, isto é, nas de menos de 3,000 habitantes, é de 15.

Na Prussia em quasi toda a Alemanha o minimo é de 12, podendo elevar-se a 60 e mais.

No Brasil, a lei orgânica do município tem quasi 60 annos, e agora pretende-se fazer passar uma reforma projectada ha cerca de 20 annos!

Não ha que admirar no paiz em que os liberaes afanam-se de afeigoar as ideias aos mais puros moldes conservadores.

Que tem o povo que ver com todas essas tramontas partidarias, e como poderia formar opinião sobre os homens e sobre os negócios publicos, se lhe tiram o voto e a ação, se não lhe permitem ver por si, discutir, esclarecer-se sobre as necessidades do município, conhecer de perto os agentes da autoridade e os funcionários locaes?

Assim, o governo tem-se tornado uma industria privada.

A maioria dos cidadãos fica estranha à política e até aos negócios da sua freguezia.

D'ahi o isolamento em que vivemos uns dos outros, ausencia de vida publica; a desagregação social, que é meio caminho para a anarchia ou para o absolutismo sem rebuço.

Ha optimistas que chiamam liberdade a esse estado muito stuflante ao de uma classe de escravos que em Roma não tinham senhor certo.

Outros pensam que as leis são boas e os costumes pessimos. Declamam contra a corrupção geral, e receberiam contentes uma ditadura bem intencionada. Estes são os mesmos que fundam as sociedades protectoras de animais e vivem do suor e do sangue do negro. Condecoram-se com as medalhas das sociedades benficiaentes, e mandam para a roda os ingenuos para melhor alugarem como amas as mães escravas. Desses Catões, que acham o povo indigno de melhor sorte, ha exemplares no senado, na alta magistratura e nos conselhos da coroa.

Entendem que a independencia e a constituição vieram muito cedo, da mesma maneira que condenam o abolicionismo e o acham prematuro!

Não querem comprehendêr que a centralização, esgotando todas as energias locaes, lança tal perturbação na vida social, que outra causa não é a causa de vermos um paiz novo e prodigamente dotado pela natureza apresentar o aspecto da invalidez, a tristeza da ruina, flagrante contradicção entre a opulenta virgindade da terra americana e o mesquinho espírito colonial que nos domina.

(Continua)

## NOTAS

### As congruas e os padres estrangeiros

Há alguma cousa de lugubre e tenebroso ou supremamente funambulesco nessa indicação da camara baixa para excluir-se os sacerdotes estrangeiros do gosto das pitâncias orgânicas.

O projecto apresentado não distingue se os nacionaes que se pretende bafejar com a sinecura das congruas devem ser natos ou se basta que tenham a naturalização.

É natural que não alude a esta ultima hypothese, porque facil seria alcançá-la e cremos mesmo que já existe alguma prescrição nesse sentido.

O intuito, pois, é todo outro; quer-se traçar uma linha divisoria, profunda e bem acentuada entre sacerdotes de origem brasiliense e os de arribação.

Em tal caso, dadas as disposições que os fanaticos monarchistas se afanam de acalar, prova-se facilmente que exorbitam e tentam concentrar em suas mãos maior somma de influencia e poderes, dos que já possuem.

A nomeação de vigarios é direito privativo dos bispos, a quem se tributam horas de principes e o governo commette um verdadeiro attentado, uma invasão indebita querendo forçalos a seguir os seus caprichos.

Por outro lado, esse projecto encerra duas questões essencialmente diversas e que não guardam nenhuma affinidade: a collação dos vigarios e a dignidade e competencia para o recebimento das pensões do erário publico.

De toda esta embrulhada, nós só encheremos o esforço vão e infructuoso de se pretender cohonestar elementos e factores antinómicos, que se repellem e que juntas oferecerão uma solução razoavel.

Enquanto o Estado mantiver sob sua subserviencia e irradiação as consciencias; enquanto se obstinar em prolongar o connubio absurdo e paradoxal do poder ecclesiastico com o poder civil; enquanto se arrogar a missão de prover a tudo, de influir e legislar sobre as menores funções de carácter e esphera particulares; enquanto viver de usurpar, depimir, aniquilar as atribuições individuais e ateias à sua ação; havemos de continuar a presenciar essas e outras scenas que revelam o desonro e desmoliamento dos tutores que nos dão a honra de aspiciar e patrocinar a florescente situação que atravessamos.

### Sobre a Municipalidade

A maneira do projecto Saraiá — Cotelipe, hoje lei de 28 de Setembro — falso, a triste e mesquinha lei de emancipação de escravos e tranquilidade da laboura, o projecto de reforma municipal, a munia do sr. Paulino de Souza, foi tambem declarada pelo sr. ministro do imperio na camara dos deputados — questão aberta. O sr. ministro não faz questão da questão, isto é, não faz grande cabedal do projecto; pode ser modificado, alterado e transformado pela oposição liberal e conservadora dissidente, mas na votação é que havemos de ver quem tem garrafas vasias para vender. Tal qual como no projecto Saraiá — Cotelipe, o triste e mesquinho.

Ha comtudo uma diferença: no senado é que vai ser feita a reforma.

**Partido republicano**

Não podemos deixar de tralhar para estas columnas o artigo editorial que estampa o *Sapucaense* em data de 5 do corrente.

E nessa linguagem que se retemperam os espíritos; estreme de enfeites rhetoricos, sein dícterios intempestivos, farfahudos.

Damos os parabens a essa illustre redacção que vem engrossar a phalanxe dos extremos combatentes da legitima e genuina democracia.

«Devem hoje, ao meio dia, reunir-se n'esta villa, alguns cidadãos com o fim de resolvem sobre a formação do partido republicano, n'este município.

Parece que, depois das conferencias parciaes já realizadas e da simpatia e entusiasmo com que tem sido recebida essa generosa idéa, podemos considerar como triumphantes os esforços que, por estas colunas, empregamos no sentido de unirem-se os valentes adeptos da democracia.

E' possivel que, por emquanto, deixem de filiar-se ao partido muitos cidadãos que alias nutrem aspirações republicanas e que particularmente não guardam d'issso reserva.

Hatalvez para esse procedimento motivos que não podemos discutir.

Mas, o ressentimento de uns, a má vontade de outros; de alguns o receio de vingança, de muitos a situação difficultosa; e a suspeita em diversos, de o partido entregar-se a uma propaganda de ideas inconvenientes e perturbadoras do actual estado social: — todas essas razões hão de forçosamente ceder à verdade, à experiência, à eloquente demonstração oferecida pelo desdobramento dos factos e, sobre tudo, a circunspeção e a prudencia com que os republicanos sapucaenses devem proceder e marchar.

Todos esses cidadãos hão de afinal, compreender que o patriotismo não só os obriga a collocarem-se definitiva e corajosamente ao serviço activo e dedicado da bandeira que simbolisa o consorcio leal e sincero da liberdade e da ordem.

Conven portanto que aquelles que hoje vão se reunir estejam certos de que a maioria do municipio attenta os observa, para conforme a conducta que tiverem, prestar-lhes ou não o seu apoio.

Comprehendam a situacão; e por amor a este infotunado paiz, assumam a posição de verdadeiros republicanos, isto é, de politicos decididos a pugnar pela justiça, garantir a ordem, sustentar a liberdade e promover o bem estar da communhão nacional.

Que a esperança fundada de uma patria prospéra e feliz, presida a commemoravel reunião do dia de hoje!»

**A nova aurora**

Os farejadores politicos e abyssinios de todas as classes já vêem no occaso um sol da realza nacional e procuram voltar-se em attitude beatifica para um outro que lhes parece subir no horizonte.

Elles já se preparam para gritar: *le roi est mort, vive le roi*.

Por isso tem-se visto muito accentuada a alacridade de certos types na recepção e na commemoração da chegada da princeza imperial e sobretudo o crescendo da força do monarchismo do *Jornal do Commercio* q e deitou luminarias.

Outros, cantando o *Leão Enfermo*, dedicam a cantata aquella que pretendem guindar à successão do mesmo, e assim concludem sua primeira estancia:

«Nobre herdeira do throno brasileiro!

Tens em teu Pai um symbolo de glorias».

A conclusão da segunda parte, por concluir, ha de ser forçosamente esta:

— «Lembra-Te que ajudei-O nas victorias Por terras de S. Paulo, onde eu, chronicista, Honras tive tambem d'un escudeiro».

São destequilato os satellites que se querem acercar e partieipar da luz da *nova aurora* que se lhes afigura.

*Similia similibus congregantur.*

**Os dois barões assignalados**

O de Mamoré, vulgo Ambrosio, e o de Cotegipe, ex-João Mauricio, grandes ministros da coroa, estão filados a uma isca, a congrua dos vigarios. Bonito é vel os cada um a puchal-a para seu lado, como dois dogues agarrados a um osso que um canzarrão de S. Bernardo (o padre imigrante) tem de roer.

Já sabíamos que o sr. de Cotegipe é o ministro unico no governo do imperio, o ministro-sete-pastas, e que os outros seis, são meras sombras phantasmagoricas. Por isso, quando estes se metem a ser alguma cousa e affectar opinião propria, sahe-lhes à frente o chefe e brada-lhes: alto lá! vocês aqui não são nada!

E não são, realmente nada.

A prova é a triste figura que fez o sr. ministro do imperio no senado, depois que o sr. do Conselho se manifestou contra o projecto de não pagamento de congruas aos vigarios estrangeiros.

O Sr. de Mamoré, ainda sustentando a sua opinião já enunciada a favor do projecto, deixava claramente ver a sua submissão ao empresario da governança. As suas distincções casuísticas entre senador, ministro do imperio e governo em nome do qual entende agora seria melhor não ter emitido opinião, é uma retractação miserável.

A pesar de tudo e a despeito mesmo do que agora desejaria o sr. de Mamoré, o senado deu-lhe- ganho de causa.

Confirma este antagonismo sem rebuço entre os dois barões ministros que o governo da monarchia é uma empreitada de que é chefe o presidente do conselho, sendo os demais ministros apenas seis caixeiros ou grumetes que nada por si opinam nem deliberam.

E' preciso não ter um ceitil de dignidade para ser ministro em taes condições.

Mas, dignidade é cousa estranha, desconhecida entre os politicos da monarchia, maxime entre os seus barões assignalados.

×

**Extinção do captiveiro**

Entre tantas decepções que a marcha dos negocios publicos do Brasil inflige às almas patrioticas, sirva-lhes ao menos de consolação o procedimento correcto do sr. senador Dantas acerca da questão abolicionista.

O novo projecto que ao senado acaba de oferecer s. exa., consignando o dia 31 de Dezembro de 1889 para a extinção total da escravidão no imperio, é o fecho de ouro com que remata a trajectoria iniciada a 6 de Junho de 1881.

Confiamos, e é preciso que s. exa. não se limite a apresentar estes projectos, mas que se esforçará, como um representante da nação consciente de seus deveres e convicto da utilidade e urgencia da medida que propoz, afim de que esta seja discutida, aprovada e convertida em lei do Estado.

Que a nova expectativa não será desmentida, é o que esperamos.

Queremos ver travada a luta.

×

**A comedia do imperio**

O Sr. Andrade Figueira tambem classificou de comedia a sessão do senado que dizem ter posto o ponto final na questão militar.

Sem contestar o grande paladino do arroxo, e do escravismo, apenas ampliamos a enumeração dizendo que todo o imperio é uma comedia em que representam muitos Tartufos.

A camara e o senado são os proseniores, onde elles melhor desempenham seus papeis.

Da grande comedia do imperio a actual camara já tem exhibindo muitas scenas, sendo aquella da moção de confiança, ao ministerio depois da do senado sobre a questão militar uma das que mais provocou a hilaridade publica. Os srs. enunchos, representantes da nação mostraram-se exiuviós. S.s. eexxs. representam maravilhosamente; e, façamos justica, o sr. Andrade Figueira é um dos mais insignes artistas da grande companhia comedianta politica nacional.

**O projecto do sr. Ferreira Viana**

Quer o illustre deputado pelo Rio de Janeiro, que se adopte novo sistema de eleição para o emprego de senador para este fim apresentou à camara dos deputados um projecto em 8 artigos.

O projecto tem cousas originaes e a melhor delas é classificar pelo seu justo termo — emprego — cargo do senador. Ben entendido, é emprego vitalício alón de remunerado.

E' oriinal tambem de investir unicamente certas classes de individuos — as que têm representação publica, da função de eletores, com exclusão de todos os mais, de modo a tornar por este lado mais elevado e aristocratico o censo eleitoral para senador. Se tem disposições boas e aceitaveis, taes como as contidas nos artigos 3, 4 e 5, especialmente o que só sujeita ao eleitorado a escolha e não mais ao soberano, tambem tem o projecto outras desfavoráveis e que não devem ser admitidas, porque são de um requinte de oligarchia ou hegemonia de classes.

Emfim, o projecto do sr. Ferreira Viana é um mixlo de santo e demônio, e se acende uma vela a Deus, dedica outra ao diabo.

E' verdade que de um conservador como s. ex. não devíamos esperar que projectasse tornar popular, como deverá ser na opinião democratica, a eleição de senador; mas ainda assim, não acreditamos que o seu projecto, que pode ser convertido em uma boa lei de eleição, mereça acolhimento de seus correligionarios. Sex. ainda quer alguma cousa, mas elles não querem nada alem do poder.

×

**Adversarios e correligionarios monarchistas**

Quem na camara dos deputados tiver ouvido o sr. Cesário Alvim oposicionista liberal e o sr. Andrade Figueira, conservador oposicionista, sem atender para os rotulos, não sabe na verdade quem é correligionario ou adversario da situação. Ao passo que o deputado conservador fallou com to da vehemencia e combateu rijamente os actos do ministerio Cotegipe (salvo os de esfolar e matar negros e abolicionistas) o sr. Cesário Alvim fazia discurso de oposicão tão dubitativo quanto fraca, camararia e incongruente que mal parecia simples repiro de compadre que ataque de adversario. A attitute que em tal discurso assumiu o sr. Cesário Alvim em face do ministerio Cotegipe é deplorável.

Aos correligionarios ataca-se vergonhosamente (ex. questão Celso Alvim), aos adversarios que no governo do paiz tem comido os maiores attentados, pisava-se a mão pelo lombo e diz-se: a nossa batalha fica para amanhã!

Politicos sem idéas e sem objectivo patriótico, que há de fazer senão isso m's no?

×

**Servilismo parlamentar**

A nota d'este servilismo constatado por muitas e seguidas legislaturas na camara dos deputados foi mais uma vez desferida pelo sr. Coelho Rodrigues, quando referindo-se à submissão da camara do senado aprovando tudo que d'ahi vem, disse:

— Se protestassemos, teríamos a dissolução em 8 dias.

Com que sem cerimonia confessam estes homens investidos de uma missão tão elevada, mas que degredam pela elasticidade de sua consciencia a sua propria degradação. Aceitam tudo, aprovam tudo, contanto que os não dissolvam, isto é, contanto que não os privem do sub-sídio!

Como se pode crer na regeneração do paiz, quando os seus legisladores são os primeiros a fazer alarde de sua venalidade?

Estes espíritos escravizados pela moral epicurista, só se levantam para repellir tudo o que é extinguir a escravidão da raça africana.

Não lhes tirem os negrinhos, o mais dão de barato.

**Concurso Litterario**

Reproduzimos com alvorozo o nobre e patriótico convite que estampou o *Diário Popular* de S. Paulo, em data de 6 do corrente. Excitando e animando ao estudo serio e fértil sob o duplo incentivo da emulação que engendra o heroísmo e do proveito material, de que em definitiva ninguem pode prescindir, o certamen proposto pelo ilustrado collega abre nova era à patria litteratura, inocula o interesse na pesquisa dos fastos nacionaes, e i apelle suavemente os espíritos para a verdadeira orientação de que tanto carecemos.

Se nos fosse licito sugerir um alvitre, aconselharmos que para o *quantum* prefixado como premio pudesse concorrer todos os que avaliam essa proposta como de elevado alcance e de influxo decisivo; n'este caso, A *Democracia* sollicitaria a honra de poder contribuir com cem mil réis.

No intento de estimular muitas vocações litterarias que entre nós vivem despreocupadas e a um tempo prestam-nos um serviço à província de S. Paulo, a cujos nobres interesses temos procurado afeiçorar a nossa folha — ibrimos um concurs para o melhor romance que, sobre assunto paulista, nos for enviado até o dia 31 de Dezembro do corrente anno.

Encerrado o concurso, os romances que concorrerem serão sujeitos ao julgamento de uma comissão de pessoas competentes, cujos nomes serão oportunamente publicados e, resolvida a preferencia, o romance escolhido será publicado pelo *Diário Popular* e largamente distribuído em folheto pelos assigantes da folha, sob condições especiais.

Destinamos mais au autor do romance preferido um premio pecuniario de réis 500\$000.

Ahi fica o convite. Lisongeia-nos a esperança de que não será dado o nosso empenho.

×

**Emfim !**

Esta aprovada pelo senado, como já o tinha sido pela camara dos deputados, a postura municipal obrigando as companhias de carros urbanos a adoptarem apparelhos salvavidas.

E-peremos agora que seja esta postura posta em vigor e exactamente cumprida.

Gastou annos em ser aprovada, e enquanto andava a dormir e dormir, e andava pelas camaras dos deputados e dos senadores — quantas victimas dos carros urbanos ! E quantas ainda se darão até que a postura se cumpra !

Muita cousa n'esta imperial terra, patentea como os poderes publicos se interessam pelo bem estar e segurança dos cidadãos e as victimas numerosas e quotidianas dos carros urbanos são o seu mais eloquente testemunho. E um zelo, Jesus ! que só os relaxados o suplantam.

A relaxação é dos symbolos da governança imperial.

**Movimento republicano**

Extractamos da imprensa das provincias: Do «*Diário de S. Paulo*»

**CONGRESSO REPUBLICANO**

Hontem, 31 de Maio, deu-se a installação das sessões do congresso de representantes republicanos da província.

Montam n'8 os municipios que elegiram representantes. D'estes estiveram presentes e tomaram assento 49.

Por deliberação da casa continuou a mesa interina. Prudente de Moraes, presidente Campos Salles e Pestana, secretários.

O dr. Miranda Azevedo, secretario da Comissão Permanente, leu extenso e bem elaborado relatorio, compendiano as principaes ocurrências da Comissão e do partido no anno finito apontando diversos assumtos como dignos de immediato estudo por parte do congresso.

A sessão, installada ás 7 da noite, prolongou-se até 10 ½ sendo tratados diversos assuntos importantes e tomadas algumas deliberações.

Foi aprovado o projecto da receita e despesa do partido, apresentado pela comissão composta dos srs. Bernardino, Glycerio, e Matias M. Leite.

Entrou em discussão a proposta para que se sollicitassem dos republicanos da província que libertem seus escravos até 14 de Julho de 1889.

Sobre modificação da formula, maneira d' sua publicação e plausibilidade, desenvolveu-se larga discussão fazendo os srs. Manoel de Sousa, Mesquita, Moreira da Silva, Miranha Azevedo, Ameri e de Campos Garcia, Pestana e Moura Leite.

Foi afinal vencido, depois d' aprovações as conclusões da proposta e emendas que a Comissão Permanente ficasse incumbida de formular o manifesto e publicá-lo.

Em seguida foi larga e calorosamente debatida a moção sobre separatismo.

Horacio de Carvalho justificou a sua assinatura nessa moção, abundando em considerações tendentes à comprovação das suas idéas.

Campos Salles expôz o seu modo de viver e apresentou um manifesto dirigido aos republicanos, explicando a questão e manifestando as sympathias que ella merece.

Rangel Pestana desenvolveu a sua opinião, davindo a da conveniencia da moção e do manifesto, e pedindo a seus correligionários uma decisão positiva e prática da questão, visto querer conhecer claramente a sua posição como jura lieta.

Alberto Salles falou em seguida, aprovando o manifesto, visto ser de conveniencia para o partido aproveitar as forças manifestadas na província no sentido dessa idéa, para bem dirigir o no sentido da propaganda. Explicou mais o ponto científico da questão, sobre a qual tem a mão um livro, que breve aparecerá e melhor comprovará o seu ponto de vista.

Julio de Mesquita impugnou o manifesto, julgando-o inconveniente a boa marcha do partido republicano.

Jesuino Cardoso explicou o seu voto, julgando conveniente ao partido a propaganda separatista.

Campos Salles explicou o projecto de manifesto, defendendo-o das arguições que lhe foram feitas.

Rangel Pe tana explicou ainda uma voz o seu modo de entender, que não tivera inteira comprehensão.

Olympio da Paixão pediu o adiamento da discussão para o proximo dia.

Francisco Glycerio manifestou a sua opinião de acordo com o manifesto, mas declarou julgar de conveniencia o adiamento da discussão para a futura sessão do congresso, pois o assunto é importante e carece de larga estudo e melhoria.

Nesse sentido, Carlos Garcia fez um requerimento, que foi aprovado.

Passou-se depois a fazer as eleições da Comissão Permanente e delegados ao congresso nacional na corte, como hontem já publicamos.

Ao levantar-se a sessão, às 11 1/2 da noite, o digno presidente, dr. Prudente de Moraes, compendiou em ligeiras palavras a importancia do ocorrido e a regularidade e criterio dos debates e resoluções, o que tudo comprovava a seriedade com que desenvolvia o partido republicano na província.

—

D'eo Mineiro » de Barbacena:

«Continuam as ações do nosso partido, n'esta e n'outras províncias.

— Assignou o manifesto republicano d'esta cidade, o importante fazendeiro Joaquim Rubello de Siqueira, residente em Santa Barbara do Tuguriu, freguesia de N. S. do Desterro do Mello, d'este município.

— Em Varginha acaba de filiar-se ao nosso partido o sr. Raymundo Martins Roussin. O CONTEMPORANEO, iportante órgão republicano de O. Pre o, noticiando «ssa adhesão assim se exprime:

«A estima de que gosa o illustre cidadão que era ainda há pouco uma força e uma esperança do antipatrio seu partido denominado liberal, e que se rotula com a palavra democrata — os seus merecimentos conhecidos, nos induzem a crer qu' o novo correligionario virá prestar valiosíssimos serviços à propaganda dos nossos principios políticos».

No mesmo jornal lê-se a seguinte notícia:

«Pelo MARIENSE, órgão redigido na vinhada cidade d'ond' tirou o nome, sabemos que apresenta-se candidato à assemblea provincial o nosso distinto correligionario, e conhecido advogado sr. André Augusto Jóhanny.

Não ha probabilidades de sahir victoriosa das urnas a candidatura d'este laborioso e popular cidadão; mas elas tem para nós muito alta significação: o primeiro protesto do 2º distrito contra a monarquia, que não nos explora menos do que nos degrada e avulta.

Disputar o triunfo no pleito eleitoral observando quanto possível a attitude correcta e altria n'estas occasões as unidas pelos candidatos d'nosso partido, é serviço indiscutivelmente importante, pristado a si mesmo por isso o discrição e orienta.

Está n'estes casos a candidatura de que se trata.

— No Machadinho, d'esta Província, desligou-se do partido monárquico para unir-se ao nosso partido o cidadão Raymundo Henrique Duarte.

—

No dia 23, fundou-se na Villa da Cachoeira, São Paulo, um club Republicano. Escolheram esse dia por commemorar não só a chegada de Vasco Fernandes Coutinho, donatário n'aquelle então capitania, portanto inauguração do predominio monárquico na província, como também por ter n'essa data em 1822, José Clemente Pereira, em nome da municipalidade e do senado do Rio de Janeiro pedido a Pedro I a convocação de uma assemblea constituinte.

—

«O Cachoeirano, depois de noticiar minuciosamente a instalação de um club republicano na cidade de Cachoeira e Itapemirim, província do E. Santo, acrescenta:

«O Club aceita o manifesto de 3 de Dezembro de 1870; os seus associados não farão transações com as facções monárquicas nos comícios populares e será o director do partido republicano do 2º distrito d'esta província; que é de esperar obtenha grande progresso com a propaganda das doutrinas e fins do club.

Sabemos que a direcção em sessão de hontem aceitou grande numero de socios».

## CARTAS DO RECIFE

15 de Maio de 1887.

Meu amigo.

E' deplorável o estado em que nos achamos. Todos os dias se registram factos criminosos; ataques à propriedade, à vida, e à honra, sem que haja a menor causa justificativa.

Nunca os direitos do cidadão foram mais acintosamente atacados, como n'esta situação que se tem distinguído pelo abaixamento dos caracteres, pelo aumento dos crimes e pela protecção aos criminosos; nunca as autoridades superiores de uma província patentearam tanto cynismo e inaptidão, como os srs. Pedro Vicente e Domingos Pinto; finalmente, nunca a monomania da arbitrariedade preocupou tanto os delegados, subdelegados e inspectores de quarteirão, como na quadra actual.

O presidente da província arranca violentamente a vitaliciedade de alguns professores de instrução primaria, em cujo goso se achavam há tres annos; concorre, pelo seu procedimento, que qualificarei de criminoso, para o estado deplorável em que se acha Bom Jardim, visto como, havendo o delegado d'essa localidade incorrido na penalidade do art. 139 do Cod. Crim., por exercer actos extranhos às funções de seu cargo, devia não só demitíl-a, como enviar os documentos, que teve em suas mãos, ao promotor publico, para promover a formação da culpa, e não limitar-se a officiar ao chefe de polícia, recomendando-lhe que fizesse sentir ao referido delegado, Joaquim Antonio Duarte, — a conveniencia de se limitar ao que pertence exclusivamente ás suas atribuições; aprova a anarchia que reina na camara municipal do Recife, fornecendo ainda elementos para sua continuação, pois outra cosa não quer dizer o despacho que acaba de dar a representação dos vereadores liberaes; e, finalmente, consente que continuem em exercicio as autoridades que se acham processadas e algumas já pronunciadas, por lhe faltar a energia para demittíl-as, independente de proposta.

O chefe de polícia, o amigo e compadre de Cavalcanti, de Taracatu, de glorioso esquecimento, procura occultar os crimes de seus subalternos, como ia acontecendo com o assassinato de Belisario José, perpetrado pela polícia de S. Lourenço da Mata; protege Japiassu, que continua a zombar da lei, em sua fazenda Caixearo, não obstante já se achar pronunciado em crime de introduzir moeda falsa em circulação; anima seus agentes a praticarem novos crimes, visto como não propõe a demissão d'aquellos que já delinquiram; finalmente deixa que seus soldados se embriaguem, promovam disturbios, roubem e espanquem os que encontram em sua passagem.

E, entretanto, os srs. Pedro Vicente e Domingos Pinto, os verdadeiros responsaveis pelo sangue derramado em Jatobá e nas furnas de Itaparica, na qualidade de agentes do governo do sr. Cotelipe, não podem, nem devem proceder de outro modo, sob pena de serem demittidos!

Acabou-se o orgão do grande e generoso partido liberal. A Provincia que era a folha que o representava na imprensa republicana, em virtude da cessação do prazo do contracto que havia feito, deixou, desde o principio do mes, de represental-o, para se ocupar de causas mais serias; para por-se ao serviço da abolição dos escravos, e da federação das províncias; para representar todas as grandes e nobres aspirações que se agitam no seio do paiz, sem prejuizo da defesa constante dos interesses pernambucanos. E assim procurará ser verdadeiro representante do pensamento, das aspirações, e das queixas de grande numero de brasileiros, qualquer que seja o partido político a que elles pertençam. Fallando em nome dos sofrimentos e das esperanças, tanto da população livre, atropelada pela centralização, como da população escravizada, vítima de uma exploração secular e sobretudo em nome da patria, que não devemos legar aos nossos

filhos corrupta e deshonrada, no meio das nações livres da America, ella não precisará da protecção nem do favor de nem um chefe partidário; pois toda a sua confiança está no poder das idéas, na força dos princípios, na efficacia do trabalho, na firmeza dos seus intutos e na probidade da sua conducta.

— No dia 30 do mes findo diversos estudantes installaram o Club Republicano Academico. Ficou assim composta a directoria:

PRES. HONORARIO. — Dr. Albino Meira.

EFFECTIVO. — Nilo Peçanha.

VICE-PRESIDENTE. — Cícero Cesar.

1.º SECRETARIO. — Paulo Silveira.

2.º " — Cassiano Lopes.

ORADOR. — Alcibiades Peçanha.

TESOUREIRO. — João Teixeira.

— No dia 1 realizou-se a 2ª. e hoje a 3ª. das conferencias promovidas pela sociedade pernambucana contra a escravidão e união federal abolicionista, sendo oradores os nossos distintos correligionarios drs. Martins Junior e Nilo Peçanha.

— O bispo de Olinda, na carta pastoral que dirigi à diocese pernambucana, sobre o jubileu sacerdotal de Leão XIII, convida os fieis a abrilhantar a festa com tantas libertações quantas forem compatíveis com as suas circunstancias, e exhorta o clero para que deposite junto ao trono pontifício esta declaração: O clero olindense não possue escravos.

— O club republicano academico resolveu emprehender a libertação do município de Olinda e para esse fim já realizou n'aquelle cidade 2 conferencias. Tambem está trabalhando em favor da mesma idéa o club abolicionista D. José recentemente fundado.

— Esta quinzena foi completamente desanimadora para a praça do Recife. A subida do cambio, produzindo o alarme no mercado de exportação, paralisou todo o seu movimento. Para o sul, cujo principal producto é o café que nestes ultimos tem subido a um preço consideravel, a elevação do cambio não é um facto de grande alcance; mas para o norte é altamente prejudicial. O algodão e o assucar, principaes generos de exportação, não deram dinheiro, de sorte que os agricultores tem lutado e continuam a lutar com as maiores dificuldades. Portanto esta alta do cambio, em vespera de liquidação de safra, e quando existe ainda em grande depósito em ser e não pouco ainda a colher, resultará em prejuizos consideraveis para a agricultura e o commercio, arruinando d'estarte o norte da província.

— Distribuiu-se o 1º fasciculo do romance que sob o título «Escândalos do Recife», está publicando o dr. Gaspar de Souza Rios Junior.

— Apparecerá brevemente um periodico academico intitulado «A Penna».

— Acha-se à venda «O Hospede», romance de Pardal Mallet.

— Na cidade da Victoria começou a publicar-se um periodico literario e noticioso intitulado «Flor da Victoria». Nessa cidade publicam-se mais tres folhas: «Echo da Victoria, Lidor, e Mereoro». O Federalista, folha que tambem alli se publicava não existe mais.

## SECÇÃO LITTERARIA

### A FORÇA DO DESTINO

IV

#### EFEITO DE BONS ARES E BOAS CEIAS

Uma noite, passado já o primeiro anno de viuvez de Julianha, a horas mortas, a familia do tenente Lins acorda-se espavorida pela detonação de um tiro que ouvira como que dentro de casa.

Quem, porém, se mostrou mais aterrada, foi Julianha.

Quando ella viu o compadre attento, observando de uma janella para o quintal com uma pistola ainda fumegante pendendo-lhe da mão, tornou-se pallida, tremula, deu um grito e desmaiou.

— Aquiete-se comadre, não é nada! Que é que a senhora tem? disse Lins correndo para ella no momento em que chegava sua mulher que se apressou em socorrer-a.

Voltando a si, depois de fricções e aspirações de vinagre, o primeiro cuidado de Julianha foi interrogar com ansiedade:

— O compadre ferio alguém?

— Não, comadre, o ladrão escapou-me, errei o tiro; mas não me escapará sé voltar; asseguro-lhe.

— Pelo amor de Deus, compadre, não faça tal...

— E' boa! Porque?

— Causa-me um susto de morte e o sr. vai ter grandes incomodos se ferir ou matar qualquer pessoa.

— Mas que hei de fazer a quem entra a tales horas em meu quintal sem minha licença? Não vem cá com boas tentações. Pelo menos pretendo ir-me às gallinhas. Ha muito tempo que presinto alguma a andar-me no quintal. Quem quer que é abre-me o portão com chave falsa: isto é muito serio.

— O sr. viu ou reconheceu alguém?

— Não reconheci ninguem; vi apenas um vulto de homem.

— Com certeza não voltará.

Effectivamente, Lins, vigiando algumas noites seguidas, preparou uma armadilha assim de surpreender e escarmatar o intruso; este porem não voltou. O tenente por fim descançou mandando colocar nova fechadura no portão e pondo de guarda um valente cão-de-fila.

Quanto á sua comadre, apenas via que ella engordava; admirava-lhe o grande desenvolvimento de flancos, as formas arredondadas, as carnes rijas, as cores symptomáticas da mais robusta sande.

— Com efeito, comadre, a senhora está bastante gorda; o clima de Maceió tem-lhe sido propicio; parece ser melhor que o de Santa Luzia do Norte.

— E' verdade, tenho-me dado muito bem aqui, graças a Deus e ao compadre que tão bem me tem tratado.

— A continuar assim não sei onde a senhora vai parar.

Este reparo do tenente Lins feito em tom humorístico, repetiu-se algumas vezes sem que elle contudo notasse na physionomia da comadre a leve sombra de um embaraço ou vexame que alli se projectava e se extinguia, rapido como o clarão de um relâmpago. Tão habil era ella em disfarçar o seu enleio quanto o compadre ingenuo em não o descobrir.

Um dia Julianha pediu-lhe permissão para passar uma semana em Bebedouro, subúrbio da cidade e em casa de uma parenta e amiga que a convidara.

Juliana foi, passou a semana, mais outra e outra e... não voltou. Recebendo alguma enfermidade, mандou o tenente Lins saber. A resposta foi que a comadre estava boa, mas precisava passar alli mais alguns dias.

— Fique-se lá o tempo que quiser, disse Lins aborrecido, por lhe parecer pouco atencioso o procedimento da comadre. — Tem lá bons ares e certamente não lhe faltará boas ceias.

## ANNUNCIO

### ATELIER CAÑIZARES

Offerece ao respeitável publico retratos a óleo, crayon, decorações de templos, vistas de fazendas, etc., etc., tudo com a maior perfeição e a preços razoaveis.

40 RUA DE GONÇALVES DIAS 40

Typ. d'A DEMOCRACIA.